

**TARA MOSS**

# **FETICHE**

Tradução de Mário Dias Correia

## Prólogo

Ela calçava *stiletto*s – envernizados, pretos e elegantes, com finas correias que lhe mordiam os tornozelos pálidos e esguios. Caminhava sozinha pela rua, os saltos a ressoar no passeio. Ele apurou o ouvido para captar o som que faziam, a hipnotizante música que o atraía como a melodia do flautista de Hamelin.

*Clic, clic, clic...*

Passou devagar, observando-a com os olhos famintos de um predador. Era jovem, de cabelos muito negros, e bonita, com uma curta saia preta que revelava as pernas altas, esguias e nuas. O casaco de Inverno descia-lhe até às coxas, mas não era o suficiente para aquecer as pernas, e ele reparou na pele arrepiada, azulada pelo frio.

*Clic, clic, clic...*

Voltou a passar por ela alguns minutos mais tarde. A rua estava quase deserta, mas a rapariga não deu sinais de se ter apercebido da sua presença. Continuou a caminhar, com uma expressão determinada no rosto bonito.

A caminhar sozinha.

Perdida.

As nuvens por cima dela eram plúmbeas e pesadas. Não tinha guarda-chuva, notou ele. Até onde estaria disposta a continuar quando começasse a chover? Com certeza não queria molhar-se. E tinha de estar cansada. Era inevitável que precisasse dele.

Paciente, viu-a tirar um mapa da pesada mala que levava ao ombro. Os cabelos negros e sedosos caíram-lhe para a cara enquanto abria e estudava o mapa, a tentar perceber a intrincada rede de avenidas, ruas e passagens. Tinha os olhos semicerrados, num esforço de concentração, e, quando as nuvens finalmente se abriram, salpicando-a com gotas geladas, lançou um olhar irritado ao céu baixo e ameaçador antes de perscrutar a rua em busca de um abrigo. Não havia táxis, cabinas telefónicas, cafés abertos, nem lojas de esquina. Nada num raio de vários quarteirões.

Começou a chover com mais força.

*Clic...*

A rapariga recomeçou a andar, agora mais depressa, sem objectivo. A mala preta pesava-lhe no ombro, levava na mão o mapa que amarrotara, frustrada. Os pingos de chuva traçavam-lhe linhas brilhantes na pele suave e lisa das pernas.

O homem encostou ao passeio, junto dela.

*Chegou o momento.*

Baixou o vidro do carro.

– Está bem? – perguntou. – Parece perdida.

– Estou óptima – respondeu ela, e lançou um olhar nervoso à rua deserta. O sotaque era estrangeiro: americana, ou talvez canadiana.

– Tem a certeza? Não é uma zona segura para andar a passear sozinha. – Consultou ostensivamente o relógio. – A minha mulher está à minha espera para jantar, mas posso dispensar uns minutos para levá-la aonde quer ir. – Uma aliança de ouro refulgia-lhe no anelar da mão esquerda. Puxava-lhe o brilho precisamente para ocasiões como aquela.

Os olhos da rapariga pousaram por um instante na aliança.

– Oh, não... estou bem, acho eu... – Tinha um rosto muito bonito, jovem e sem a mais pequena falha, e a pele pálida, a que o exercício dera um tom rosado, irradiava uma luz quente, como um candeeiro de porcelana translúcido. – Sabe onde fica Cleveland Street? – perguntou.

– Oh, céus. Está longíssimo de Cleveland Street. Estamos na Philip. Deixe-me mostrar-lhe no seu mapa. – Fez-lhe sinal para se aproximar, e ela avançou, lentamente, até se encostar à porta do

lado do passageiro. O homem notou o cheiro doce de suor jovem. O rosto dela brilhava, agora a trinta centímetros do dele. – É melhor entrar por um instante. Está a ficar encharcada – disse, e inclinou-se para lhe abrir a porta.

Ela recuou e viu a porta da carrinha abrir-se, com a incerteza estampada no rosto. Ficou imóvel por um momento, e ele perguntou a si mesmo se a rapariga iria aceitar a ajuda oferecida. Sorriu inocentemente, sem permitir que a impaciência o traísse. Então, com gotas de chuva a deslizarem-lhe pela testa, ela encolheu os ombros e sentou-se no banco ao seu lado.

Abrigada da chuva, pareceu aliviada. Entregou-lhe o mapa, com um sorriso rasgado que mostrou uma fileira de dentes perfeitos e brancos. Deixou a porta aberta, e uma perna esguia esticada para fora, o pé a tocar no passeio molhado.

O homem obrigou-se a desviar os olhos.

– Estamos aqui – disse, apontando para o mapa. – Quer ir para Cleveland Street, que é aqui. Tem de meter por esta rua, e depois...

O perfume dela dominou-o; cheiros molhados, a mel e a almíscar, húmidos entre as pernas. Sentiu que o coração da rapariga acalmava. Estava a relaxar, a confiar nele. Continuou a falar, a explicar em tom paternal. Parecia impossivelmente longe no mapa, uma distância inconcebível tal como ele a descrevia.

Na realidade, teria sido uma curta caminhada.

\* \* \*

A noite cobria a cidade com um impenetrável manto obscuro. As nuvens, despejada a sua chuva, tinham partido para outros lugares e as ruas adormecidas brilhavam de humidade, o asfalto a fazer um ligeiro ruído de sucção à passagem da carrinha. Com os olhos bem adaptados à escuridão, o homem dirigiu-se para um parque de estacionamento vasto e isolado, desligou os faróis e deixou o veículo deslizar até ao lugar do costume, sob um grupo de altas figueiras.

A bonita rapariga, a sua rapariga, gemeu baixinho lá atrás, como tinha feito algumas vezes durante o trajecto. O homem pegou

num par de luvas e calçou-as. Depois de se certificar que ambas as portas estavam trancadas, foi ter com ela, fechando cuidadosamente as cortinas que separavam a cabina da caixa da carrinha. Acendeu uma lâmpada ligada a uma bateria, pestanejando uma vez enquanto os olhos se adaptavam à súbita claridade. A grossa manta preta tinha escorregado até ao ventre da rapariga. Os braços dela continuavam esticados por cima da cabeça, os pulsos presos pelas grilhetas aparafusadas à parede, o corpo estendido no chão. O fino *top* de malha, azul-claro, estava salpicado de manchas de sangue, o mesmo sangue pastoso que lhe brilhava na testa, junto à raiz dos cabelos. Um sinal escuro, do tamanho de uma joaninha, destacava-se na pele pálida do pescoço. Com os olhos semiabertos e cheios de lágrimas salgadas que lhe traçavam nas faces linhas negras de rímel, a rapariga estava novamente a gemer, mexendo-se debilmente.

Indiferente aos choros e aos gemidos dela, o homem procurou as suas coisas. Ia ter de a amordaçar. Mantivera-se relativamente sossegada desde que ele lhe batera, mas agora era capaz de se tornar barulhenta, e, mesmo naquele lugar isolado, não podia correr esse risco. Os olhos da rapariga seguiram-lhe os movimentos quando ele aproximou a mordaza, e abriram-se muito à vista da bola de borracha vermelha, com as compridas tiras de couro. Estava a ficar bem desperta. Na melhor altura. Havia muito que perdera o interesse em vítimas inconscientes.

– Não te preocupes, não te vou fazer mal – mentiu. Não fazia sentido deixá-la excitar-se antes de a ter bem segura.

Abriu-lhe as mandíbulas com as duas mãos e enfiou-lhe a bola de borracha na boca. Os olhos cheios de lágrimas da rapariga tornaram-se dois grandes pratos azuis e um protesto abafado escapou-se-lhe da garganta. O homem passou-lhe as correias à volta da cabeça e afivelou-as na nuca, sujando os dedos no sangue pegajoso que brotava da ferida no crânio.

Um dia, havia de ter o seu quarto à prova de som. Oh, como as reacções e os gritos o excitavam. Mas, por enquanto, teria de passar sem esse luxo.

Amordaçada e algemada, a rapariga começou a debater-se com uma força surpreendente; o homem sentou-se em cima dela, com uma perna de cada lado, e esmurrou-a no queixo com a mão enluvada. Ela fechou os olhos e soltou um grito sufocado. As lágrimas correram, mais abundantes. Todo o seu corpo era sacudido por soluços convulsivos, enquanto ele se sentia cada vez mais excitado. Com um puxão, arrancou a manta. Os seios diminutos estremeram debaixo do fino *top*, a minissaia tinha-lhe subido até às ancas, mas os *stiletto*s pretos continuavam no seu lugar, nos pequenos pés da rapariga.

Deslizou para baixo, ao longo do corpo dela, e descalçou-lhe o sapato direito. *Encantador. Perfeito*. Os dedos eram muito lisos e delicadamente formados; estava muito satisfeito. Voltou a calçar-lhe o sapato, apreciando-o ainda mais, agora que sabia a perfeição que escondia. Tirou a lâmina do bolso e voltou à posição anterior. A rapariga sangrava mas estava consciente, os olhos azuis muito abertos e a rolar de um lado para o outro, cheios de pânico. Com um movimento longo e gracioso, o homem cortou o *top*, abrindo-o da cintura ao pescoço. O *soutien* era creme, vulgar. Cortou o fecho central e ele abriu-se, expondo o peito muito branco. Cortou a saia e as cuecas de algodão, que juntou num monte muito bem arrumado com o resto das roupas.

A rapariga estava nua para ele.

Imune aos gemidos abafados e às lágrimas desesperadas que corriam livremente, continuou.

\* \* \*

Quando o dia nasceu, o homem decidiu que era tempo de deixar o parque de estacionamento. Apesar de não ter dormido, não estava cansado. Sentado junto ao corpo silencioso e imóvel, sentia-se calmo e poderoso. Movido pela curiosidade, examinou as coisas da rapariga, antes de se desembaraçar delas. Abriu a mala preta que ela levava ao ombro e descobriu um pesado livro com vinte e cinco por trinta centímetros – o portefólio de uma modelo. Folheou-o. As fotografias mostravam-na em várias poses

inocentes: a sorrir, a andar, de pé. Aborrecido. Encontrou também uma carteira com um passaporte canadiano, uma agenda e uma carta dobrada dirigida a Catherine Gerber. Desdobrou-a e leu:

*Querida Cat,*

*Estou ansiosa por ver-te. Seis meses é muito tempo! Obrigada por teres vindo ao funeral da minha mãe. Ela havia de querer que lá estivesses. Dizia sempre que tu eras a sua terceira filha. Duvido que tivesse conseguido sobreviver àquilo sem a tua ajuda, e o meu pai também te agradece muito.*

*Mas basta de coisas deprimentes! Como te disse ao telefone, chego na quinta-feira de manhã, às 7h45, no voo JL771, da Japan Airlines, de Tóquio. Se não puderes estar no aeroporto quando eu chegar, não te esqueças de deixar uma chave algures. A agência já me marcou uma sessão em La Perouse, na sexta-feira. Nem vou ter tempo para o jet lag! Obrigada por me deixares ficar em tua casa. Temos tanto de que falar. Até breve...*

*A tua melhor amiga, sempre,*

*Mak*

O esboço de um sorriso distorceu os lábios do homem. Daria uma boa recordação. Revistou a carteira, que nada tinha que lhe interessasse, até chegar a um compartimento com fotografias. Rapariga com família. Rapariga com homem. Rapariga com loura.

Ficou a olhar para a foto, fascinado.

*Rapariga com loura.*

A loura era intrigante. Alta, com uns cabelos lisos e platinados que lhe desciam em cascata pelos ombros. Quem seria? A foto parecia ter sido tirada numa cidade estrangeira. Voltou-a e leu a legenda esborratada: *Eu e a Mak a divertirmo-nos à grande em Munique!* Continuou a olhar durante algum tempo e, depois, guardou a foto na sua própria carteira, junto à da mãe.

Voltou a ler a carta.

*La Perouse.*

Não era muito longe.

Pegou na carta e na agenda, e guardou-as na maleta preta com que costumava andar. Juntou as roupas da rapariga, enfiou-as no saco de lixo e, quando acabou, sentou-se ao volante e arrancou, sem ser visto, na manhã fresca e orvalhada.